

## De que riem os boias-frias? Diários de antropologia e teatro

Carolina de Camargo Abreu

---



**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1420>

DOI: 10.4000/pontourbe.1420

ISSN: 1981-3341

**Editora**

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

**Edição impressa**

ISBN: 1981-3341

**Refêrencia eletrónica**

Carolina de Camargo Abreu, « De que riem os boias-frias? Diários de antropologia e teatro », *Ponto Urbe* [Online], 14 | 2014, posto online no dia 30 julho 2014, consultado o 22 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1420> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.1420>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 22 setembro 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

---

# De que riem os boias-frias? Diários de antropologia e teatro

Carolina de Camargo Abreu

---

## REFERÊNCIA

DAWSEY, John C. 2013. *De que riem os boias-frias? Diários de antropologia e teatro*. São Paulo: Editora Terceiro Nome.

- 1 Há alguns anos, não muitos, uma das professoras do Departamento de Antropologia da USP, a fim de apresentar o colega John Dawsey, comentou a dificuldade de categorizar e encerrar sua contribuição: um desconcertante trabalho, que habita como que "a terceira margem do rio" da antropologia. A menção ao conto de João Guimarães Rosa me intrigou de tal modo, que reli a história naqueles dias. Eis que a perturbação só aumentou: qual seria a aproximação de John com a terceira margem do rio?
- 2 É certo que brecha John abre até em rio e lembra muito pescador paciente, que ouve atento o tempo, interessado nas histórias que correm pelo vento. Pescador atento aos sussurros [e às piscadelas] de caveiras.
- 3 Neste caso, ou melhor, no caso do livro lançado pela coleção Antropologia Hoje da Editora Terceiro Nome, John Dawsey é pescador em seu próprio caderno de campo.
- 4 Convidado - ou/e pressionado pela avaliação quantitativa de nossa vida acadêmica - a lançar sua livre-docência na forma de livro - que vale ponto duplo - o professor não teve pressa em simplesmente transpor texto. A leitura dos registros dos anos de 1980, então no agora da segunda década dos anos 2000, oferece cenas sobre a construção da vida dos boias-frias da região de Piracicaba em nova montagem. Ainda proliferam imagens anotadas entre os trabalhos nos canaviais e a moradia no bairro Jardim das Flores - também conhecido como "Buraco dos Capetas" -, mas, então, em novo arranjo que denuncia o caráter parcial e o inacabamento essencial de nossos feitos acadêmicos.
- 5 Seu valor não é qualquer novidade em relação ao texto da tese de livre-docência, mas sim sua atualidade. Experimento surpreendente, que revela a força tanto dos registros

de campo, quanto da atenção aos "remoinhos de história": "não apenas das coisas que vieram a ser, mas também, das que submergiram, ou caíram no esquecimento" (p. 47). A distância temporal de aproximadamente vinte anos possibilitou a incorporação de outros ensaios experimentados neste caminho, através dos quais surgem orientações teóricas precisas, que oferecem "aviso aos navegantes" sobre "os riscos de naufrágio" (p. 46).

- 6 O livro é aberto com uma bela apresentação de Maria Lucia Montes, que anuncia um teatro de assombrações na forma de carta para marinheiros de primeira viagem. Reconhecida "bruxa madrinha" por John, ela dá nome próprio ao empreendimento: "narrativas de um teatro épico brecht-benjaminiano a serviço da reflexão sobre uma antropologia da experiência, do drama e da performance" (p. 25)
- 7 Um nome tão longo pode parecer anúncio também da terceira margem do rio, mas sua extensão é precisão: importante embarcação para nosso navegar rio de bacia farta.
- 8 A travessia inicia-se com um rito de passagem não dramático: o convite a uma antropologia benjaminiana - capítulo 1, ou melhor, ensaio 1, já que o livro apresenta-se como um ensaio maior que correlaciona outros tantos ensaios-textos, ensaios-fragmentos. Mergulha no campo através de "uma entrada para o Hades" no capítulo 2. Avista tempestade no capítulo 3, já navegando pelas imagens dos sonhos e do inconsciente social.
- 9 A sequência dos capítulos-ensaios prossegue através de histórias do fim do mundo, histórias noturnas, histórias da força de senhoras santas e de mulheres bichos, sem estruturar progresso, mas, em vez disso, noutra sentida e com outro desenho, oferecendo imagens cambiantes como um caleidoscópio.
- 10 Essas histórias não são exatamente registros de uma narração oral, mas sim do que é dito como comentário desprezioso, ora sussurrado, ora gritado, tantas vezes brincadeira no teatro do cotidiano. Eis a grande contribuição do ensaio-livro: iluminar o teatro da vida cotidiana, que, então, surge espantosa. Teatro reflexivo que não representa simplesmente, mas apresenta "uma atividade interpretativa que vem acompanhada por inervações corporais que se evidenciam por meio do uso" (p. 269). Montagens de boias-frias que revelam mais do que resolvem. Montagens de um teatro cotidiano épico que podem ter efeitos de assombro ou abalo.
- 11 O conceito de performance mostra-se importante como momento de um processo, de uma experiência. Neste caso, a experiência liminar dos boias-frias e dos favelados do "Buraco do Capeta" em Piracicaba. E Dawsey faz questão de repetir aprendizagem com Walter Benjamin: "A tradição dos oprimidos nos ensina que o 'estado de exceção' em que vivemos é na verdade a regra geral"<sup>1</sup>.
- 12 O último dos capítulos anuncia: "em meio à travessia, é preciso içar velas" (p. 279). E ainda que o posicionamento das velas possa surpreender, é certo que são feitas e dispostas com grande rigor. As velas dessa "nau de loucos", tal como John, inspirado em Foucault, nomeia, são os conceitos que se configuraram.
 

Para o dialético, o que importa é ter os ventos da história universal em suas velas. Pensar significa para ele: içar velas. O que é decisivo é *como* elas estão posicionadas. As palavras são as suas velas. O modo como são dispostas transforma-as em conceitos. (Walter Benjamin, *Arquivo N9,6*)<sup>2</sup>
- 13 Antes do final, ainda há lugar no livro para que Renato da Silva Queiroz escreva sobre as "passagens" - título do posfácio - do amigo. Sua atenção volta-se especialmente ao

riso anotado. Humor que "conjura a seriedade do viver, desdramatiza a sua existência" (p. 302).

- 14 Depois do livro, eu continuo em travessia, e ainda muito intrigada. Qual seria a aproximação de John com a terceira margem do rio? Seus desvios metodológicos, ainda que se aproximem de devaneios ou lampejem como alucinações, indicam uma lucidez com poucos precedentes na antropologia.
- 

## NOTAS

1. Texto "Sobre o conceito de História" publicado em *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. pp. 222-243. (Obras Escolhidas; v.1)
  2. Citado em Dawsey (2013:279), publicado em *Passagens*. 2006. São Paulo. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- 

## AUTORES

### CAROLINA DE CAMARGO ABREU

Doutora em Antropologia Social pela FFLCH/ USP.

Pós-doutoranda no Departamento de Antropologia da FFLCH/USP. Bolsista FAPESP.

Membro do Núcleo de Antropologia, Performance e Drama - NAPEDRA e do Grupo de Antropologia Visual - GRAVI.